ANO 32.º Sábado, 4 de Novembro de 1939 N.º 1601

O DEMOCRATA
(AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua Combatentes da G. Guerra — Telef. 125 — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agência Havas

O drama europeu

—o—

A mensagem do sr. Presidente da Rèpública e o discurso do sr. Presidente do Conselho, lidos na sessão extraordinária da Assembleia Nacional, constituem dois notabilíssimos documentos, sobretudo pela afirmação clara e firme de princípios que formam o património moral e espiritual da Europa, agora em causa por via duma guerra cujas conseqüências vão ultrapassar necessàriamente o interêsse económico das nações do Velho Continente. «Penso que à Europa não sobram fôrças, nem riquezas para cuidar de si, e que só na paz o esfôrço humano consegue libertar o homem das exigências imperiosas da natureza»—afirmou o sr. General Carmona. Há nesta afirmação uma idéia e um conceito profundos àcêrca das possibilidades morais e materiais do Ocidente no equilíbrio da vida dos póvos, e também a idéia de que só a paz é fecunda para aquilo que interessa verdadeiramente à vida e ao homem.

Desenvolvimento da mensagem do sr. Presidente da República, o discurso de Salazar, no que respeita à guerra, ergue-se a tôda a altura de princípios que andam, infelizmente, esquecidos no pensamento dos condutores de póvos e alheios às relações internacionais.

Salazar, sempre guiado por admirável visão dos homens e dos acontecimentos, filia o drama europeu na infidelidade da Europa ao património moral e espiritual que lhe deu a civilização e lhe enriquece a cultura. «A grande crise da Europa, é não saber conservar a paz dentro de si mesma. Tem ainda o primado da ciência, da literatura, das artes; possui os segrêdos da técnica; sabe organizar o trabalho; mas não sabe ter paz. A origem do seu mal não reside pròpriamente na densidade da população, no esgotamento do solo ou sub-solo, na estreiteza das terras ocupadas, *mas numa doença do espírito*»—afirmou êle. Assim é, na verdade. O grande drama europeu, depois que se abriu no Ocidente a revolução de reformas, (religiosas, filosóficas e políticas) tem suas causas na quebra da unidade moral e espiritual que, por longos séculos, fez a segurança e a grandeza da Europa. A guerra actual, no fundo, é ainda uma conseqüência trágica da perda daquela unidade. Por isso, desta guerra resulta, infalìvelmente, o choque entre os princípios superiores da civilização europeia e expansão material de certos imperialismos contrários ao desenvolvimento natural e lógico da cultura e do progresso do Ocidente.

As nações beligerantes querem a paz. Aquelas, porém, que a procuraram à custa da *arrumação étnica das populações*, metem por caminhos errados, visto que a verdadeira unidade europeia e o bom entendimento entre os póvos não dependem das improvadas teorias da superioridade de raças sôbre outras raças, mas sim da harmonia da cultura com a estrutura moral e espiritual da civilização latino-cristã, que é aquela em que tem vivido a Europa.

Quando os imperialismos anti-europeus que desencadearam a guerra sofrerem a limitação racional do espírito ocidental, cremos que a paz aparecerá entre as nações do Velho Mundo. Até lá a Europa terá que suportar tôdas as conseqüências do drama em que se agita, tôdas as conseqüências da guerra que se vai desenrolando sob os olhos espavoridos de todo o mundo.

A.

Um contraste

— —

De novo chamam a nossa atenção para êste contraste, que ao visitante se depara logo ao sair da estação: a Avenida Dr. Lourenço Peixinho, com luz a jorros, e as ruas Almirante Reis e João de Moura com iluminação deficiente.

Já em tempos abordámos o assunto, chegando-se a falar na colocação de novos candieiros nas referidas artérias.

São muito precisos.

PARABENS

— —

Renascendo das próprias cinzas, Coimbra tem desde domingo a funcionar o seu novo edifício dos Correios e Telégrafos, com o que muito se congratula a cidade, tornando visível a sua satisfação através da imprensa.

Também lhe enviamos os nossos parabens.

O preço da electricidade

O semanário *Moçambique*, que se publica em Lourenço Marques, depois de transcrever o que há tempo aqui dissemos sôbre a baixa do preço do *kwt.* de electricidade no Pôrto, faz a comparação com o que se passa na cidade africana, onde existe um monopólio, para nos dar, por último, a novidade de que lá, o mesmo *kwt.* se paga a 7$00, aproximadamente.

Livra!

Homenagem a um poeta

— —

No Penedo da Saùdade, em Coimbra, foi, na segunda-feira, inaugurado o busto de António Nobre, que lhe perpectuará a memória e lembrará às gerações como um dos mais inspirados poetas da academia.

António Nobre foi um solitário, um misantropo, um doente. O seus livros *Só* e *Despedidas* retratam-no. A homenagem da cidade onde viveu, amou e compoz os seus melhores versos justifica-se, portanto.

Além túmulo

França Borges

Há precisamente duas dúzias de anos que em Davos Platz (Suissa) para onde tinha ido na esperança de recuperar a sua saúde abalada, acabou os seus dias o vigoroso jornalista António Maria França Borges, que antes do advento do regimen republicano se distinguiu pelos seus ataques contra a realeza.

Colaborador desde muito novo de diversos jornais do partido, fundou a *Lanterna*, de duração efémera, e mais tarde o *Mundo*, que foi, durante a sua direcção, um verdadeiro baluarte das ideias que defendia.

Recordamos a memória dêsse infatigável propagandista da Rèpública.

* * *

Também esta semana passaram os aniversários das mortes do dr. António José de Almeida, José Relvas, Luís Derouêt e Fernão Boto Machado, todos republicanos dedicadíssimos e que se impuzeram pela sua honestidade.

As suas campas foram, como de costume, muito visitadas e cobertas de flôres.

Uma derrocada

—o—

Fecharam, em Paris, os Armazens do Louvre. Faliu essa poderosa emprêsa, que arrastou consigo o Hotel Crillon, da Praça da Concórdia, onde se hospedavam reis, príncipes e altas individualidades políticas e sociais, e ainda os hotéis d'Orsay e do Louvre, também de primeira ordem, embora inferiores ao Crillon.

Quem o havia de dizer!

A' Câmara

—o—

O vergonhoso estado que apresentam alguns prédios da cidade força-nos a vir, de novo, solicitar da edilidade aveirense uma rápida intervenção a favor do asseio citadino.

Basta de tanta complacência!

Há casas cujas fachadas não são limpas talvez há mais de 20 anos! Na Rua do Rato, por exemplo, vêem-se algumas nessas condições. Uma delas—já a citámos aqui há tempo—faz frente para a Corredoura e tôda a gente que se dirige à igreja de S. Domingos, pela rua que lhe dá acesso, olhando à direita, verifica a verdade das nossas afirmações. Aquilo é um escarro, é um nôjo, é a coisa mais indecente que imaginar se pode. Sôbre o telhado, tudo cheio de erva; a frontaria, quási negra como um tição! Isto, numa artéria concorrida, torna-se inadmissível pelo que voltamos à estacada no intuito de levarmos a Câmara ao cumprimento do seu dever, caso as pessoas, com essa obrigação, não o cumpram.

AVE RARA...

—x—

Em Viana do Castelo—dizem os jornais—existe um canário branco que canta o fado corrido tão real e perfeitamente como a Severa nos seus tempos de boémia...

Só falta saber se também toca guitarra...

A população russa

— —

O número actual dos habitantes da Russia, apurado depois do recenseamento de Janeiro do corrente ano, é de 170.467.186, não obstante o clima ser frigidíssimo, de arripiar.

Tanta gente!...

«Os Peneiras»

— —

Liquidou êste grupo excursionista de Coimbra.

Não devia ter perdido nada com isso a cidade, porque o nome deixava muito a desejar.

O estado sanitário

—=—

Abordando êste assunto, o correspondente do nosso colega *O Ilhavense* na Gafanha da Encarnação, diz que as febres intestinais, acompanhadas de diarreia, teem continuado por lá a fazer vítimas, tendo morrido no dia 24 do mês findo duas crianças atacadas dessa doença enquanto outras mais se encontram em estado grave.

E acrescenta:

Não pedimos providências para o assunto porque ele está estudado e mais do que estudado por quem de direito. Essa doença já fez estragos na Gafanha do Carmo e outros lugares tão salubres, tanto como êste lugar, onde se não encontram, com facilidade, estrumeiras ou águas estagnadas. A potável é agora magnífica e por isso não se pode atribuir a ela qualquer participação na doença.

Como resposta ao que escreveu *o grande panfletário* sob o título—*Doença infantil*—e reforço do que no *Democrata* saiu em oposição, não podia vir mais a propósito.

Essa doença é a Natureza que a determina. O resto são antigas. Para não dizermos petas.

Abundância de pesca

— —

O mar tem-se ùltimamente compadecido dos que gostam de peixe, vendo-se, por isso, os mercados a abarrotar, principalmente de sardinha.

Em Matosinhos e na Figueira os pobres até andam desconfiados com a fartura...

Não que a fome é negra...

Exposição de Nova-York

— —

Encerrou-se na terça-feira, último dia do mês de Outubro, a Exposição Mundial de Nova-York, depois de ter sido visitada por mais de 26 milhões de pessoas, segundo rezam as crónicas.

Como Portugal esteve também nela representado, é de crêr que pelo menos parte dessa multidão nos enxergasse e se sentisse orgulhosa em vêr a nossa bandeira desfraldada no recinto do grandioso certamen.

Andam pelas Américas tantos portugueses...

Benemerência

—=—

Recebemos esta semana 10$00 dum assinante de *O Democrata*, destinados aos pobres protegidos por êste jornal e em sufrágio da alma de seu estremoso pai, há anos falecido.

Agradecemos.

Romaria da Saùdade

— —

Devido à chuva, que prejudicou a ornamentação das campas, não tiveram a concorrência de visitantes dos anos anteriores os dois cemitérios da cidade, onde, ainda assim, bastante gente se dirigiu para orar pelos seus mortos no dia dos fiéis.

As igrejas, essas, encheram-se a-pesar-dos constantes aguaceiros, rezando-se fervorosamente dentro delas por alma dos que partiram para as regiões insondáveis do Infinito, não voltando mais.

O respeito pela Morte impõe-nos o dever de acompanhar os vivos na sua ronda anual.

O alargamento das pontes

—o—

Torna-se cada vez mais necessário devido ao transito que aumenta de dia para dia e ao tamanho de algumas camionetes e camions.

Uma das esquinas da ponte das almas já tem sido *beijada* tantas vezes que pouco falta para ir a terra. A' Câmara, pois, lembramos esta obra por ser de muita importância.

MORTE DUM CIENTISTA

—o—

Finou-se em Lisboa o sr. dr. Manuel Valadares a quem se deve a criação, em Portugal, das impressões digitais, tendo sido também o autor do actual bilhete de identidade.

Era considerado em todo o mundo como mestre da identificação.

Efemérides

4 de Novembro

1910 — Decreta-se o divórcio em Portugal.

1908 — E' transportado da casa mortuária da Misericórdia de Lisboa para a séde da redacção de *O Mundo*, o cadáver do dr. Alberto Costa (*Pad Zé* na academia de Coimbra) que fica exposto em câmara ardente até o dia seguinte.

—Taft é eleito presidente da República dos E. U. da América do Norte por um milhão de votos de maioria sôbre o outro candidato.

1911 — Morre o escritor Silva Pinto, que colaborou assiduamente no semanário humorístico *O Pimpão*.

1822 — Encerram-se as célebres Constituintes Portuguesas.

Para os cancerosos

Na quarta e quinta-feira desta semana grupos de meninas percorreram as ruas da cidade a colher donativos para os cancerosos pobres.

No fim da jornada apurou-se ter rendido o peditório 2.000$00 aproximadamente.

A pequena imprensa

—o—

Transcrevemos do *Correio da Feira*:

«Segundo o próprio título dêste artigo exprime e inculca, não vamos referir-nos hoje aos grandes órgãos da opinião pública, aos jornais que têm larga tiragem e representam abastadas emprêsas, que se publicam nas capitais e versam os mais complicados assuntos. Não. Hoje não nos referiremos aos grandes periódicos. Queremos consagrar estas linhas à pequena imprensa, aos jornais de província, os quais, embora modestos e humildes obreiros, muito têm contribuido para o progresso e engrandecimento dos povos.

Qual é a terra portuguesa duma certa categoria, duma tal ou qual importância, que não possue um semanário, um bi-semanário ou, pelo menos, uma publicação mensal?

Não recearemos afirmar que bem poucas serão as vilas do nosso país que não possuem o seu representante no elenco da imprensa.

Será, porventura, tal coisa um bem? De um tal facto pode resultar, ou resulta mesmo qualquer utilidade prática? Certamente que sim. E até nem deixaremos de afirmar que os pequenos jornais de província, sendo êles o que devem ser, virão, sem dúvida, a desempenhar um papel de primacial importância na vida colectiva das populações que êles representam. Cumpre-lhes o estreito e rigoroso dever de a tudo atenderem, de pugnarem insistentemente pelos interêsses regionais e de chamarem a atenção dos altos poderes do Estado para as várias e múltiplas necessidades locais. E nunca poderão desobrigar-se de tão elevado e patriótico encargo, aliás atraiçoariam a sua nobre e luminosa missão.

Isto no que diz respeito, não só ao progresso material, mas ainda, e sôbretudo, ao que,dum modo especial, se refere ao adiantamento e progresso moral dos cidadãos. O periódico, seja êle hebdomadário ou diário, seja êle de que natureza fôr, ou apareça onde quer que seja, deverá ser sempre um paladino do bem e da ordem e um ousado arauto da civilização e prosperidade dos povos.

Todavia com isto não pretendemos

Espectáculo de arte

—o—

Anuncia-se para terça-feira da próxima semana uma única récita pela Companhia Palmira Bastos, que representará *O Sacrificado*, peça em que é feita a apologia do trabalho.

Já se marcam lugares.

José Estêvão

Faz hoje 77 anos que Aveiro se cobriu de crepes ao receber a notícia da morte, em Lisboa, de um dos seus filhos mais dilectos — José Estêvão Coelho de Magalhães.

Glória da nossa terra, que inalteceu, e à qual tantos benefícios prestou, José Estêvão quer como jornalista, quer como soldado e tribuno, marcou lugar de destaque, pertencendo, por isso, à galeria dos nossos maiores.

Aveiro, que se orgulha de lhe ter servido de berço, ergueu-lhe, mais tarde, uma estátua para que as gerações que passam aprendam a venerar a memória dêsse gigante da palavra e valoroso soldado da Liberdade.

admitir que os jornais semanários ou os órgãos da pequena imprensa limitem e circunscrevam a sua acção profícua às questões, que simplesmente se referem às localidades onde se publicam. Nada disso. Julgamos, até, de alta conveniência que, em certos casos, nêles se tratem e versem assuntos de certa transcendência e os altos problemas da vida política e social. Embora tais questões façam principalmente parte dos programas de acção dos grandes diários, o certo é que, por vezes, convém, igualmente, serem tratadas nos periódicos mais modestos e de influência mais reduzida. Com que intuito? De certo com o fim de divulgar mais e propalar o conhecimento dêsses assuntos e, por sua maneira, melhor se preparar, em todos os recantos do país, a opinião pública e formar o que se chama a consciência nacional.

Mas um tal facto só acidentalmente virá a dar-se. Em casos normais, os jornais semanários deverão limitar e circunscrever a sua esfera de acção à defesa dos interêsses das regiões que representam. E a nada mais. Seguindo-se esta norma e princípios, fácil será elaborar programas de trabalho útil e profícuo para os nossos jornais de província, e contribuiremos assim, por uma forma decisiva e prática, para o bem das nossas terras e para o seu progresso, sem que deixemos também de indirectamente prestar o nosso concurso para o bem e prosperidade da nacionalidade inteira.

Trabalhemos, pois, com fé e patriotismo nas páginas da pequena imprentsa, cuja finalidade visa principalmente ocorrer às necessidades mais imperiosas do nosso povo, dêsse povo que tão resignadamente suporta as canseiras da vida e rega, com o suôr do seu rôsto, êste solo bendito da Pátria.»

JOÃO DA RIBEIRA

BAILES

Promovidos pela Banda da Companhia Guilherme Gomes Fernandes e em benefício do seu cofre, têm-se realisado bailes populares, de tarde, no antigo salão do *Beira-Mar*, devendo repetir-se nos próximos domingos.

Tocam elementos da mesma. Mas devemos observar que os bailes continuados não são recomendáveis.

Por muitas razões...

Relação de alguns dos serviços mais importantes desempenhados no mês de Agosto de 1939 pela Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas (Séde e Delegações)

Licenças de laboração: Padarias 40; moagens, (fábricas, moinhos e azenhas) 120; lagares de azeite, 15.—*Licenças de venda:* Depósitos de padarias, 10; vendas de pão em estabelecimentos comerciais, 5; idem, em mercados e feiras, 9.—*Cartões profissionais:*—Concedidos 559; averbados 495. Verificação de margarina: –Fabricada em Portugal 3.146 quilogramas; importada 14.703 quilogramas. —*Autorizações para trânsito de alcool industrial no continente:* 179.534 litros.—*Serviço de fiscalização:* Estabelecimentos visitados 3.983; fiscalização de vendedores ambulantes 505; autos levantados 542; apreensões e sequestros 133; beneficiações 9; desnaturações e inutilizações 109; notificações 360; amostras colhidas 334; desselagens 54.—*Produtos analizados:* 127 normais e 339 impróprios.—*Acção exercida pelas brigadas de fiscalização às padarias de Lisboa e Pôrto e respectivos arredores:*—Estabelecimentos visitados 964; autos levantados 67; apreensões e sequestros 17; desnaturações e inutilizações 4; amostras colhidas 36; desselagens 7. *Movimento dos laboratórios (Lisboa e Porto):* Número de análises 459; número de determinações 4.676.—*Processos de transgressões:* — Julgados pela Inspecção Geral 89; enviados ao Tribunal Colectivo dos Géneros Alimentícios 429; idem, aos Tribunais Ordinários, 36.—*Receita para o Estado, cobrada durante o mês:* — 122.296$40.—Importação de Tapioca (Alfândega do Pôrto) 7.243 quilogramas, de crueira 59.337; arroz exótico 465.000; Cêra 1.000; Colas líquidas 3.390; Cevadinha 39.202; Gômas 8.200; Resinas 2.000; Sementes oleaginosas 2.500. Multas pagas voluntariamente na Delegação do Pôrto: 21.

Porto, 1 de Novembro de 1939.

O CHEFE DA DELEGAÇÃO,

(a) *João Braga*

IMPRENSA

«O MUNDO PORTUGUÊS»

Acha-se publicado o n.º 70 da revista de cultura e propaganda, arte e literatura coloniais, que em Lisboa é dirigida superiormente pelo sr. dr. Augusto Cunha.

Além da primorosa colaboração, insere, a fechar, alguns aspectos do grandioso programa das comemorações centenárias de 1940 e cuja realização, ao que parece, ainda não foi posta de parte.

«OCIDENTE»

Recebemos o n.º 19 da revista de que são directores os srs. Manuel Murias e Alvaro Pinto e com o qual termina o volume VII.

Ocidente impõe-se pela leitura variada das suas páginas, quer em prosa, quer em verso, e por isso aqui deixamos que a sustentam sem se importar com *aquelas mesquinhas historietas que procuram sempre aborrecer os que desejam trabalhar e produzir*, os merecidos louvores a quem assim procede.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. Nobrega e Sousa, residente na capital; no dia 6, as espôsas dos sr. António N. F. Ramos, do Ultimo Figurino, *e Manuel da Silva, actualmente em Lisboa, e os srs. Carlos Tavares Lebre e João Ramos, da* Fotografia Moderna; *em 7, o jóvem Lino Romão, filho do escultor Romão Júnior; em 8, a tricaninha Flora Campos Graça, filha do sr. Manuel Dilalma Graça; em 9, a inocente Clementina, filha do sr. José F. da Costa Mortágua, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company, e o sr. Carlos da Naia Sarrazola, escrivão de Direito na comarca de S. Tomé (Africa Ocidental) e em 10, o nosso amigo dr. Humberto Leitão, hábil clinico local.*

Casamentos

Para o sr. Carlos Ferreira, comerciante em Viseu, foi pedida, no domingo, a mão da menina Maria Estela de Jesus Pereira, interessante filha do nosso amigo Ulisses Pereira, activo comerciante local.

O enlace realizar-se-há nos principios do próximo ano.

Partidas e Chegadas

Por ter obtido a aposentação, como requereu, retirou com sua familia para Espinho, onde fixa residência, o sr. Raúl Martins Leite, que durante alguns anos exerceu o logar de inspector e director do Distrito Escolar de Aveiro.

Desejamos-lhe na nova situação em que agora se encontra as felicidades de que é digno.

—Estiveram nesta cidade os srs. Orlando Peixinho, pagador das Obras Públicas em Viana do Castelo; Gustavo Moreira, residente na Farrapa (M. de Cambra) e, com sua esposa, o sr. José de Oliveira Barreto, gerente do Banco N. Ultramarino de Viseu.

Outra vez?

Agora é o sismólogo italiano, Rafaele Bondandi, que prevê para o ano de 2521 um cataclismo de tal natureza que deixará a perder de vista o dilúvio com tôdas as suas conseqüências trágicas visto não haver, talvez, possibilidade de ningém se salvar.

E se êste maduro, em lugar do susto que nos prega, se entretivesse, por exemplo, a contar as estrêlas?...

Sempre era menos inofensivo...

CARTA DE LISBOA

2 de Novembro de 1939

Grandes melhoramentos

Lisboa comemorou, êste ano, o seu feriado municipal, com a inauguração de alguns melhoramentos da mais alta importância para a vida citadina, Alguns deles, sendo do maior valor e necessidade. só agora foram realizados, graças à acção da actual municipalidade. Dia a dia a capital dá passos mais largos no caminho do seu progresso e aformoseamento, tornando-se não só uma cidade digna de ser cabeça e mãi dum grande Império, como o espelho reluzente e magnífico de todo o movimento de renovação do Estado Novo.

Normalidade de vida

A-pesar-de já estarmos a dois meses da eclosão da guerra, Portugal, graças à atitude assumida pelo nosso Govêrno desde o princípio, atitude que felizmente lhe tem sido possível conservar, mantem hoje a mesma fisionomia e a mesma vida de normalidade do tempo de paz.

Enganaram-se aqueles que pensaram que a guerra iria logo, nos primeiros momentos, causar as maiores e mais fortes perturbações. Perturbações no comércio, permitindo especulações e açambarcamentos; perturbações na política, abrindo possivelmente caminho a ideias e princípios de há muito fóra de moda e mortos de vez. O país tem mantido a mesma vida de normalidade, a mesma serenidade magnifica do tempo de Paz. Assim todos saibamos cumprir o nosso dever, ajudando o Govêrno, e a normalidade da nossa vida continuará, porque,seja qual fôr a atitude a que os acontecimentos nos conduzam, zela por nós o Govêrno, em que podemos confiar e à volta do qual todos devemos formar unidos e resolutos.

GIL DO SUL.

Epílogo duma questão

—x—

Tendo a Câmara Municipal do Porto exigido às farmácias do concelho o pagamento da licença de porta aberta, foi pela Secção Distrital do Sindicato Nacional dos Farmaceuticos contestada a pretenção, levando o pleito perante as entidades próprias. Venceu a Secção no tribunal da 1.ª instância; mas levando a Câmara recurso para a Relação, acaba esta de confirmar, mais uma vez, que os farmaceuticos não são comerciantes, visto exercerem uma profissão liberal e científica em nada comparada com os estabelecimentos sôbre os quais recae o impôsto camarário e por isso dêle os isenta com tôda a justiça.

Pois está claro. Nada de confusões. Nem com as drogarias, onde os abusos também já deviam ter acabado se a classe estivesse unida.

Não há o direito

—o—

Copiamos dum jornal de Lisboa:

O sr. tenente Silva Pais, que dirige a repartição de fiscalisação e repressão dos casos de açambarcamento e especulação, mandou averiguar o fundamento de numerosas queixas recebidas na esquadra de Santa Marta ácêrca dos preços feitos em várias farmácias a remédios nelas manipulados, verificando que, na grande maioria dos casos, aqueles estão dentro dos limites estabelecidos pelo *Regimento de preços* em vigor. O que provoca a estranheza de muitas pessoas é a disparidade de preços de que a mesma receita é objecto em farmácias diferentes.

Nem admira, dêsde que é notório a existência de farmácias e *farmácias*, de farmaceuticos e *farmaceuticos*...

Preços diferentes com uma tabela do Govêrno a uniformisá-los!

Só em Portugal, onde aquêles que tinham obrigação de se impôr, pelo que representam socialmente, são os primeiros a diminuir-se pela sua baixêsa de procedimento.

Porque será?

A-pesar-das chuvas abundantes que teem caido desde Setembro, nota-se que os marcos fontenários estão longe de corresponder ao que era de esperar, deitando ainda pouca água, ao contrário do que sucede com as bicas.

Porque será? Talvez o *mestre*—que sabe tudo—possa explicar o fenómeno, se porventura de algum fenómeno se trata...

Êste número foi visado pela Censura

Secção Desportiva

Regatas do Outono

Por causa do mau tempo não se realizaram, domingo, as provas de remo e natação que a Secção Náutico do *Club dos Galitos* tinha organisado e que, pelo mesmo motivo, também não se efectuaram no dia 15 de Outubro.

Foi pena. Pois estamos convencidos de que, se o tempo o permitisse, viria muita gente de fóra assistir a êsse magnífico espectáculo, dada a forma como tudo estava organisado com a certeza duma excelente tarde desportiva.

As *Regatas do Outono* ficaram, portanto, sem efeito, êste ano. Oxalá que para 1940 os seus organisadores sejam melhor sucedidos.

Foot-Ball

No Estádio Municipal realiza-se ámanhã mais um encontro para o campeonato do distrito, sendo adversários o *Beira-Mar* e a *A. D. Oliveirense*, de Oliveira de Azemeis.

O desafio está marcado para as 16 horas.

Basket-Ball

Também no mesmo dia se desloca desta cidade ao Porto, onde realizará uma partida desta modalidade com o *Sporting Club Vasco da Gama*, a equipa do *Club dos Galitos*, composta de Matos, Encarnacão, Sousa, Fino, Curralo, Arroja e Baldomero.

O encontro realiza-se no campo do *Fluvial*, devendo antes defrontar-se dois grupos daquela cidade.

Trincheira dum crente

Documentos históricos

Entre as guerras de 1914 e de 1920 há de facto extraordinárias semelhanças. As causas das duas guerras persistem as mesmas. Pouco ou nada se aproveitou das lições do passado. Prova-o absolutamente a resposta dos aliados à nota alemã, que publicâmos no número passado e que transcrevemos a seguir:

«Os govêrnos aliados da Rússia, da França, da Grã-Bretanha, do Japão, da Itália, da Sérvia, da Bélgica, do Montenegro, de Portugal e da Rumania, unidos para a defesa da liberdade dos povos e fieis ao compromisso tomado de não depôrem isoladamente as armas, resolveram responder colectivamente às pretensas propostas de paz que lhes foram dirigidas por parte dos govêrnos inimigos, por intermédio dos Estados Unidos, da Espanha, da Suissa e dos Paises Baixos.

Antes de qualquer resposta, as potências aliadas protestam altamente contra as duas asserções essenciais da nota das potências inimigas que pretendam lançar sôbre as potências aliadas a responsabilidade da guerra e proclamar a vitória das potências centrais. Os aliados não podem admitir uma afirmação duplamente inexacta e que basta para ferir de esterilidade tôda e qualquer tentativa de negociação.

As nações aliadas sofrem há 30 meses uma guerra que elas tudo fizeram para evitar; demonstraram por actos a sua dedicação à paz; esta dedicação é tão firme hoje como o era em 1914.

Depois da violação de seus compromissos, não é sôbre a palavra da Alemanha que a paz que ela rompeu, fundar se pode. Uma sugestão sem condições para a abertura de negociações não é uma oferta de paz. A pretendida proposta, desprovida de substância e de precisão, posta em circulação pelo govêrno imperial, aparece menos como uma oferta de paz do que como uma manobra de guerra.

E' baseada no desconhecimento sistemático do carácter da luta no passado, no presente e no futuro. Quanto ao passado, a nota alemã ignora os factos, as datas e os algarismos que provam que a guerra foi desejada, provocada e declarada pela Alemanha e Austria-Hungria.

Na Haia, foi o delegado alemão quem rejeitou qualquer proposta de desarmamento; em Julho de 1914, foi a Austria-Hungria quem depois de ter dirigido à Sérvia um *ultimatum* sem precedentes, lhe declarou guerra não obstante as satisfações imediatamente obtidas. Os impérios centrais repeliram, então, tôdas as tentativas feitas pela Entente para assegurar a um conflito local uma solução pacífica. O oferecimento de uma conferência pela Inglaterra, a proposta francesa duma comissão internacional, o pedido de arbitragem do Imperador da Rússia ao imperador da Alemanha; o acôrdo realizado entre a Rússia e a Austria-Hungria na véspera do conflito, todos êstes esforços foram deixados pela Alemanha sem resposta e sem seguimento.

A Bélgica foi invadida por um império que lhe havia garantido a sua neutralidade e que não se arreciou de proclamar êle mesmo que os tratados eram *«farrapos de papel»* e que a *«necessidade não tem lei.»*

Pelo que respeita ao presente, as pretendidas ofertas da Alemanha apoiam-se num *«mapa de guerra»* unicamente europeu que não representa mais que a aparência exterior e passageira da situação, e não a fôrça real dos adversários. Uma paz concluida partindo dêstes dados seria de vantagem exclusiva para os agressores que, tendo julgado atingir o seu fim em dois meses, descobrem ao fim de dois anos que jámais o conseguirão.

Quanto ao futuro, as ruinas causadas pela declaração de guerra, os atentados inumeráveis cometidos pela Alemanha e os seus aliados contra os beligerantes e contra os neutros exigem sanções, reparações e garantias que a Alemanha devia mencionar.

Na realidade a abertura de negociações feitas pelas potências centrais não é mais que uma tentativa calculada com o fim de agir sôbre a evolução da guerra e de impôr finalmente uma paz alemã.

Tem ela por fim perturbar a opinião nos paises aliados; e esta opinião, não obstante os sacrifícios consentidos, já respondeu com uma firmesa admirável e denunciou as vãs pretensões da declaração inimiga. Quer ela robustecer a opinião pública da Alemanha e dos seus aliados, tão gravemente experimentados já pelas suas perdas, gastos pela pressão económica e esmagados pelo esfôrço supremo que dos seus povos exige. Procura enganar, intimidar a opinião pública dos países neutros, fixada desde há muito nas responsabilidades iniciais, esclarecida sôbre as responsabilidades presentes e clarividente demais para favorecer os desígnios da Alemanha, abandonando a defesa das liberdades humanas. Tende, enfim, a justificar antecipadamente aos olhos do mundo novos crimes: guerra submarina, deportações, trabalhos e alistamentos forçados de nacionais contra o seu próprio país, violações de neutralidade.

E' na plena consciência da gravidade, mas também das necessidades do momento, que os governos aliados, estreitamente unidos entre si e em perfeita comunhão com os seus povos, se recusam a tomar conhecimento de uma proposta sem sinceridade e sem alcance.

Afirmam uma vez mais, que não há paz possível, enquanto não forem asseguradas a reparação dos direitos e das liberdades violadas, o reconhecimento do princípio das nacionalidades e da livre existência dos Estados pequenos, enquanto não fôr garantido um regulamento de tal natureza que suprima definitivamente as causas que há tanto tempo tem ameaçado as nações e a dar as únicas garantias eficazes para a segurança do mundo.

Cumpre às potências aliadas, terminando, exporem as considerações seguintes, que fazem realçar a situação particular em que se encontra a Bélgica depois de dois anos e meio de guerra. Em virtude dos tratados internacionais assinados pelas cinco grandes potências da Europa, no número das quais figurava a Alemanha, a Bélgica gosava antes da guerra de um estatuto especial que tornava o seu território inviolável e a colocava, sob a garantia das potências, ao abrigo dos conflitos europeus.

Todavia, com menosprezo dos tratados, a Bélgica foi a primeira a sofrer a agressão da Alemanha. Eis porque o govêrno belga julga necessário precisar o fim que a Bélgica nunca deixou de prosseguir, combatendo ao lado das potências da Entente pela causa do direito e da justiça. A Bélgica sempre observou escrupulosamente os deveres que lhe impunha a sua neutralidade. Pegou em armas para defender a sua independência e a sua neutralidade violada pela Alemanha e para permanecer fiel às suas obrigações internacionais. No dia 4 de Agosto, no Reichstag o Chanceler reconheceu que esta agressão constituia uma injustiça contrária aos direitos das gentes e em nome da Alemanha comprometeu-se a repará-la.

Há dois anos e meio que esta injustiça tem sido cruelmente agravada pela prática da guerra e de ocupações, que esgotaram os recursos do país, arruinaram as suas indústrias, devastaram as suas cidades e as suas aldeias, multiplicaram os massacres, as execuções e as prisões. E, no momento em que a Alemanha fala ao mundo em paz e em humanidade, deporta e reduz à escravidão cidadãos belgas aos milhares.

Antes da guerra a Bélgica não aspirava senão a viver em bom acôrdo com todos os seus vizinhos. O seu rei e o seu govêrno não tem mais que um fim: o restabelecimento da paz e do direito. Mas querem só uma paz capaz de assegurar ao seu país reparações legitimas, garantias e seguranças no futuro.»

Em 1920 como em 1914 a situação europeia é essencialmente igual.

Só nos resta saber se tudo isto acabará também da mesma maneira.

J. Carreira

Arte

Exposição Manuel Tavares

Ainda sôbre os quadros que o aguarelista Manuel Tavares expôz no Salão Silva Pôrto, da capital do norte, transcrevemos do *Jornal de Notícias* a seguinte crítica:

Estamos em face dum artista que se fêz a si próprio e cujos primeiros trabalhos, embora apreciáveis, não deixavam, no entanto, prevêr o êxito de hoje.

Manuel Tavares está na fila da frente: a sua arte, a sua persistência, o esfôrço contínuo, a chama que o anima tornaram-no um valor na pintura contemporânea.

Ora vejam esta maravilhosa aguarela *Virgem Imaculada*, plena de misticismo e fidelidade. A Virgem que se sente estar por trás do vidro, conserva a expressão desolada da mãi inconsolável que chora o Filho morto. A expressão do seu rosto confrange-nos o coração. O trabalho é um mimo de delicadeza e uma perfeição de técnica—largo e seguro.

Também *Interior de Santo Ildefonso* é uma obra digna de ser observada com apreço.

Aveiro é a terra em que o artista vive; soube aprender-lhe a magia e a fluidez, o encanto e a côr em *Chuva nas marinhas* que se sentem alagadas; *Nevoeiro na Costa Nova*, poalha de agua entenebrecendo a ria; *Prôa do moliceiro*, *Moliceiros camaradas*, recortados no seu belo perfil fenício e *Novos Mares* (Gafanha) vendo-se os bacalhoeiros construidos onde se está executando a Nau para a Exposição do Mundo Português. E' a primeira vez que o artista apresenta flôres e são plena de graça e frescura, ricas de colorido e harmoniosas de forma.

A Foz encanta os olhos de quem não sabe traduzir-lhe a beleza. Por isso, que admira que o pintor lá passase tantas horas enlevado na magia dum poente, no alvorecer da luz da madrugada, na curva da onda, na austeridade das rochas? E assim nasceram: *Pedregulhos da Foz*, *Rochedos* e essa preciosa e difícil *Rebentação* que fixa um momento: o espadanar da vaga, a vertigem, o embate e a chuva de espuma atravessada de sol.

Manuel Tavares fêz bem em se embrenhar pelo Pôrto Velho. Trouxe de lá alguns trabalhos que se impõem e que ficam: *Detalhe* ao fundo da escada do Barredo onde estão as alminhas com o lampadário sempre acêso; *Barrêdo*, *Miragaia*, o belho claro-escuro *Arco da Ribeira* e essa pitoresca e valiosa aguarela que se intitula *Bêco de Miragaia*.

Manuel Tavares trabalhou e estudou muito, por isso alcançou o lugar destacante que hoje ocupa na pintura da nossa Terra.

A sua exposição já não vacila nem hesita, nem tenta:—é firme.

AURORA JARDIM.

Sabemos também que quási todos os quadros foram vendidos o que representa, para o expositor, duplo triunfo.

E' que vale quem vale...

Linguado que mata

É costume—e da tradição—quando os moços pescadores se iniciam na vida do mar, morder o primeiro peixe que apanham, trincá-lo, mas ainda vivo. Nessa conformidade, um rapazote de 16 anos que na pretérita semana foi trabalhar para bordo duma traineira, pescou, entre outras espécies, um linguado. E vai de ai—zás!—ferrou-lhe os dentes. O peixe, porém, doeu-se, deu ao rabo, escapa-se da mão do rapaz e introduz-se-lhe nas guelas. Resultado: o pobre vir a morrer por asfixia dentro de curtos instantes.

Ora aqui está onde se encontra, às vezes, a morte.

Até num linguado!...

Personalidade da mulher

Descrever cabalmente e duma maneira geral a personalidade da mulher não é tarefa muito fácil, porque de mulher para mulher a diferença é muito notável.

Apenas uma qualidade há, que é quási vulgar em todas as mulheres—a belesa física. E isto porque umas são dela dotadas por natureza e outras recorrem a artifícios, para mais fàcilmente seduzirem o homem.

A mulher que vemos à luz da ribalta ou num magestoso salão de algum Club, não é a mesma que, mais tarde, encontramos na intimidade do lar, quando nos deixamos arrastar pelos seus encantos. Até mesmo aquelas que são belas por natureza se ridicularizam com as inúmeras drogas de que fazem uso. E se a natureza se revoltasse e as castigasse tirando-lhes o belo com que as dotou e que não sabem apreciar e cultivar?

Mulher!

Que nome tão alvoraçador! Como estremecemos no pronunciá-lo!

E' que o nome mulher compreende, generaliza tantos entes que nos são queridos!

Para mim a mulher é a mãi—disse Affonso Daudet.

Contudo, êste nome, que desejaríamos impoluto, por vezes sobressalta-nos com vergonha, horror e até rancôr. Como em tudo há mulheres e mulheres!

Nada justifica, nada explica, em caso nenhum se perdoa humanamente que a mulher transgrida os deveres sagrados que lhe impõe a boa sociedade e seja alheia aos mais rudimentares princípios da dignidade.

Fuja dos perigos; evite-os! E' êste o seu dever. Não se exponha ao embate das paixões, não se incline no declive do abismo.

A personalidade física das raparigas de hoje está em perfeito contraste com a sua personalidade moral.

Uma menina de hoje, de lindos olhos, de pestanas longas, bôca fresca, de lábios delgados, elegante e fina, tendo nas linhas leves dos contornos e na postura altiva da cabeça—ornada ainda com duas elegantes tranças—um ar de distinção e um perfume de raça, que iriam bem num ambiente de côrte, conhece já tôda a glória mesquinha das vinganças mundanas e o rancor dos despeitos que, endurecendo o coração, conduzem à prática de indelicadezas, patenteando uma excessiva falta de educação.

Porque se deixa a mulher arrastar por ideias loucas em vez de valorizar a sua vida, para que possamos continuar a acreditar, como outrora, na sua inocência, na sua candura e na sua *coquetterie* infantil?

Não tem quem lhe dê conselhos, quem a guie e lhe ensine a prática das são virtudes? Que peça a protecção das estrelas.

A missão da mulher já é, por natureza, bem nobre se assim a souber compreender.

Pena é que nem tôdas sigam o sábio conceito dos arabes — *A mulher deve ser no lar como o coração no peito.*

Viseu, Novembro 1939.

António Tudela.

O TEMPO

Previsão de 1 a 15 de Novembro

Oscilação barométrica geral — Continúa a descer a pressão.

Em 5 sobe bruscamente e, depois de subir, ainda mais alguns dias, desce sensivelmente em 8, voltando a subir em 9.

Em 15 começa nova descida.

Datas de novos ciclones — Em 5, 8, 12 e 15.

Movimentos mais sensíveis no campo de pressão—Em 5, 8, 12 e 15.

Tempo em Portugal—E' provável que o tempo, durante êste período, continue com tendência para chover, por vezes de trovoadas e principalmente ventoso, com probabilidades de provocar algumas cheias.

Oscilação provável de temperatura na peninsula—Pequena oscilação com tendência para descer, sensivelmente, a partir de 10.

Datas de maior sensibilidade—Em 4, 7, 11 e 14.

A. Carvalho Serra

Emprêsa de Pesca de Aveiro, L.da

Assembleia Geral Extraordinária

CONVOCATÓRIA

Convidam se os sócios da *Emprêsa de Pesca de Aveiro, L.da*, sociedade por côtas com séde em Aveiro, a reunir em assembleia geral extraordinária, que se realizará pelas quinze horas do dia 27 de Novembro de 1939, na sua séde, à Praça Luiz Cipriano, da cidade de Aveiro, para deliberarem sôbre os seguintes assuntos:

1.º — Alteração do pacto social.
2.º — Aumento do capital social.

Não comparecendo número suficiente de capital, fica, desde já, convocada segunda reünião para o mesmo fim, no referido local e a igual hora do dia 2 de Dezembro de 1939.

Aveiro, 24 de Outubro de 1939.

O Gerente-Delegado

a) *Egas Salgueiro*

O TEMPO

Como tivessemos gabado o Outono vai o Inverno e veio instalar-se em Aveiro, estragando tudo. Desde a segunda quinzena de Setembro que chove a valer. E tem feito frio, obrigando a saírem os agasalhos do prego... Resta-nos uma esperança: o Verão de S. Martinho. Para aquecer o ambiente e secar o que se acha por demais encharcado.

Necrologia

No Alboi finou-se, segunda-feira, com 66 anos, Manuel Ricardo da Maia Romão, que vinha sofrendo de doença grave.

Era casado e no seu enterro, efectuado no dia seguinte, incorporaram-se alguns elementos do *Grupo Cénico do Club dos Galitos*, a cujo elenco pertence uma neta do extinto.

* * *

Também deixou de existir, tendo se ontem realizado o funeral, o sr. Eduardo de Oliveira Barbosa, antigo canteiro e ultimamente negociante de chicória. Devia contar 65 anos.

* * *

Faleceram mais: em *Esgueira*, Adriano Martins de Andrade, casado, de 44 anos; no *Solposto*, Manuel de Oliveira, casado, de 69; em *S. Bernardo*, Maria de Jesus Miquelina, viuva de 94; em *Aradas*, João dos Reis da Maia, casado, de 60; e em *Alumieira*, Manuel Marques da Cunha, solteiro, de 19, filho de João Marques da Cunha.

Correspondências

Eixo, 30 de Outubro

Faleceram Manuel Ferreira Dias, mais conhecido pelo Manuel da Clara, casado, lavrador, de 76 anos; Maria Marques da Silva, solteira, de 80 anos, e José Simões Ferreira Júnior, também conhecido por José da Amélia, de 76 anos, antigo carpinteiro.

—Em sessão de ontem foram distribuidos pela Junta de Freguesia os quatro primeiros prémios pecuniários de 50$00 do legado «Calisto Saldanha», sendo contemplados: da escola do sexo masculino, os alunos Luís Ernesto Marques Morgado e José Martins Barbosa; e da escola feminina as alunas Maria Salomé Gomes de Magalhãis e Maria Ferreira Marques.

—Na Universidade de Coimbra acaba de fazer acto de Fisiologia e Química Fisiológica do 2.º ano de Medicina, obtendo a elevada classificação de 17 valores, o nosso estimado conterrâneo e distinto académico, sr. João da Rocha Machado, pelo que sinceramente o abraçamos.

—Festejou o seu 21.º aniversário natalício o sr. Mário Magalhãis Amador, filho do sr. Artur Maia Amador e zeloso empregado nos escritórios da Fábrica Aleluia dessa cidade.

Parabens.

—Por notícias recebidas directamente sabemos ter chegado já ao Rio de Janeiro, com sua família, livre de perigo, o nosso particular amigo José Fernandes Mascarenhas Júnior, que daqui saiu há pouco para aquela cidade da América do Sul.

C.

Esgueira, 1

Veio aqui, no domingo, o sr. arcebispo de Ossirinco, D. João de Lima Vidal, administrador da diocese, sendo recebido carinhosamente pelo povo da nossa freguesia.

A' sua chegada subiram ao ar muitos foguetes e morteiros, e as nossas tricanas atiraram-lhe flores, gentileza que muito o sensibilizou.

No dia seguinte voltou a esta localidade, tendo jantado em casa do abastado proprietário, sr. Manuel Fernandes da Silva.

—E' ámanhã dia de finados. O nosso cemitério será visitado, como de costume, e as campas cobertas de flores, sinal de que os entes queridos que partiram no sono eterno não são esquecidos.

Neste dia de saüdade, vertem-se muitas lágrimas e os crentes resam as suas orações.

—Realiza-se domingo, no *Recreio Musical*, um sarau de arte, dedicado aos seus associados e levado a efeito por uma comissão que para êsse fim se constituiu.

C.

Oliveirinha, 2

A nossa frèguesia foi honrada ontem com a visita pastoral do sr. Administrador Apostólico da diocese, que, não obstante o tempo chuvoso, teve condigna recepção. Assim, ao chegar ao Cruzeiro, estralejaram no espaço muitas dúzias de foguetes e morteiros, formando-se, após os cumprimentos, um cortejo que o acompanhou à igreja matriz onde teve lugar a cerimónia do crisma e uma prática com a assistência da música de Fermentelos a manifestar o regosijo público perante a deferência do sr. D. João de Lima Vidal, que tantas simpatia reüne e cada vez mais se multiplicam. Sua reverendíssima esteve no cemitério, que hoje regorgitou de fieis a orarem pelos entes queridos, sabendo nós que, ao retirar, não escondeu quanto de reconhecimento ia no seu íntimo pela forma como fôra recebido.

E' que a Oliveirinha sabe bem avaliar os predicados do ilustre prelado aveirense, ao qual tôdas as homenagens são devidas, sem esquecer as do respeito e acatamento.

C.

Atenção para a 4.ª página

EDITAL

—o—

Avelino Marques Poole da Costa, Engenheiro-Chefe da 2.ª Circunscrição Industrial.

Faz saber que: Pereira & Guimarãis, pretende licença para instalar uma oficina de tipografia e encadernação, incluida na 2.ª classe, com os inconvenientes de emanações nocivas, perigos de incêndio, ruido e trepidação, sita na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 18, frèguesia da Glória, concelho e distrito de Aveiro.

Nos termos do regulamento das indústrias Insalúbres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de trinta dias a contar da data da publicação e afixação dêste edital, podem tôdas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 6720, nesta Circunscrição, com sede em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira, n.º 111.

Coimbra e Secretária da 2.ª Circunscrição Industrial, em 25 de Outubro de 1939.

O Engenheiro-Chefe,

Avelino Marques Poole da Costa

Comarca de Aveiro

—o—

Editos de 20 dias

2.ª publicação

Pela 1.ª Secção da 1.ª Vara Judicial da comarca de Aveiro e nos autos de execução fiscal administrativa que a Fazenda Nacional move contra a executada Rosa Ferreira, do Arieiro, frèguesia da Palhaça, correm éditos de 20 dias, a contar da 2.ª e última publicação do presente, citando os credores desconhecidos da executada, para, no praso de 10 dias, findo o dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos nos têrmos do artigo 865 do Cod. do Proc. Civil.

Aveiro, 24 de Outubro de 1939.

Verifiquei

O Juiz de Direito da 1.ª Vara,

Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção

Julio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

—o—

Editos de 30 dias

2.ª publicação

Pela Comissão da Assistência Judiciária da comarca de Aveiro, chefe Cristo, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando o requerido João Sequeira, casado, padeiro, residente na rua Edith Cavel, n.º 15, 4.º andar, Direito, da cidade de Lisboa, para no praso de 5 dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, o pedido de Assistência Judiciária requerida por sua mulher Carminda Marques de Sousa, doméstica, residente em Sarrazola, para o fim de poder intentar acção de divórcio contra o mesmo requerido.

Aveiro, 13 de Outubro de 1939.

Verifiquei:

O Presidente da Comissão

Fernando Moreira

O Chefe de Secção

Julio Homem de Carvalho Crist